

SUMÁRIO

| | |
|-----------------------|----|
| 1 <i>caô</i> | 11 |
| 2 fome | 21 |
| 3 comuna | 25 |
| 4 craque quente..... | 33 |
| 5 pipa voada | 37 |
| 6 são betinho | 41 |
| 7 visto | 51 |
| 8 engasgo..... | 55 |
| 9 saudade | 57 |
| 10 desmonte | 59 |
| 11 saudade dois | 61 |
| 12 bala perdida | 63 |
| 13 decisão..... | 67 |

| | | |
|----|-----------------------------|-----|
| 14 | berçário | 69 |
| 15 | ah! | 71 |
| 16 | sujeito-homem | 75 |
| 17 | maravilha!..... | 77 |
| 18 | rosas | 79 |
| 19 | negócio | 81 |
| 20 | castanha ou amendoim? | 83 |
| 21 | licença..... | 85 |
| 22 | manos | 89 |
| 23 | cobrança | 91 |
| 24 | <i>brodagem</i> | 93 |
| 25 | febre..... | 95 |
| 26 | limpeza | 97 |
| 27 | limpeza dois | 99 |
| 28 | mano a mano | 101 |
| 29 | <i>defensa</i> | 103 |
| 30 | dia seguinte | 109 |
| 31 | outro dia | 111 |
| 32 | mais um | 113 |

| | | |
|----|------------------|-----|
| 33 | outro | 115 |
| 34 | ou..... | 117 |
| 35 | o muro | 119 |
| 36 | vejo | 123 |
| 37 | busca | 125 |
| 38 | pombos | 127 |
| 39 | busca dois | 131 |
| 40 | tralhas | 133 |
| 41 | gatos | 139 |
| 42 | pernambuco | 143 |
| 43 | barba | 147 |
| 44 | barba dois | 149 |
| 45 | birro | 153 |
| 46 | mariana | 157 |
| 47 | invisível | 159 |

● 1

CAÔ

— ASSÓ, A GENTE FAZ O CERCO. Não tem *caô*, maluco! Confia não? Tô aqui, *mermão*. Limpeza!

A voz da fome falando grosso. Quase gritando. Eu tenho medo. Colo o corpo à parede, sob a marquise. Puxo o papelão pra cobrir as costas. Falta papel. Merda, catei a caixa maior. Não dá pra nada. Vou morrer de frio.

— Tô te falando, maluco...

Tapo os ouvidos. Inútil. A voz vem de baixo. De dentro. Do estômago. Não quero ouvi-la. Nem o trânsito. Ninguém. Pra proteger os pés, dobro os joelhos e os pressiono contra o peito. Como um caracol, um feto. Nessa posição, fico esperando pra nascer com o dia. Que chega inteiro. Como um soco na barriga. O sol todo na cara. Quente. Bom. Anunciando que não adianta se virar pro canto e se esquecer do batente, da vida.

Escuta só: é ela, a vida, chamando no ronco do motor do caminhão da limpeza, que invade, e buzina, e bate, e tritura, e molha, e varre os papelões e jornais que há pouco serviram de cama e de teto, conforto e abrigo. Olho pro lado: as caixas dos conhecidos e

desconhecidos que dividiram a marquise comigo já estão desocupadas. Não tem jeito. Chorar? Vai adiantar o quê?

Quando preciso de respostas, uso a imaginação: se olhar pra esquerda e esticar o braço, sou capaz de riscar uma linha perfeita, que vai daqui até a esquina. Nesse espaço, dividido em três, ou melhor, em cinco ou dez, cabem perfeitamente os quartos dos meus pais, da vó, que mora junto, e dos cinco irmãos. A cozinha? São duas. Uma pro café da manhã e o lanche da tarde (penso na lanchonete), outra pro almoço e a janta (penso no restaurante ao fim da avenida). A praça pública é o quintal. As bancas de revistas, a escola.

— Sai dessa, *mermão*!

A voz da fome sempre devolve meus pés ao chão, mas não quero escutá-la. Ainda guardo na memória a última vez que lhe dei ouvidos. Não faz tanto tempo assim, foi na semana passada. Começou como agora, falando, falando, e, com a fala, o desespero dando nó nas tripas. A fome, quando assume o comando, é assim: mistura razão e sentimento, não separa anjo de arcanjo, como a vó me ensinou. Daí, não pensei duas vezes. Vi de longe o casal vindo pelo canto da praça. Eta gente que não aprende mesmo! Andar na praça, só no meio da rua; à noite, só debaixo da luz.

Pois é, o casal veio vindo pelos cantos, buscando a sombra das árvores. Ela des preocupada, a bolsa cheia, pendurada em um dos braços; ele com a mochila quase caindo dos ombros. Tudo parecia a favor. Olhei em

volta e me preparei pro cerco, geralmente feito por quatro ou cinco moleques. Mas, daquela vez, decidi fazer a *limpa* sozinho.

Num pulo, saltei pro canto mais escuro da praça. Cerquei o casal; um pé lá, outro cá. Na falta de outra arma, apontei um caco de vidro. A mulher se encolheu toda, soltou-se do homem e agarrou-se à bolsa, como uma mãe que protege o filho dos perigos do mundo. O cara sorriu e encarou. Encarou feio. Do alto de meu metro e dez de altura, medrei diante dele. O caco de vidro riscou o ar. Sem ter o que rasgar, escapou de minha mão e caiu longe. Agora ia ser no braço. Estupidez. Ginguei, ginguei. O cara me socou de jeito. Foi como se, de um golpe, o céu me caísse na cabeça. Só que bem mais forte, com mais ódio.

Foi na cara, no olho, maluco! Acordei no sufoco, com um monte de gente sobre mim, sem ninguém pra dar uma força, um socorro. Todo mundo só no chute, no xingo, na escarrada. Escapei graças à esperteza do Que Fedor, o mendigo a quem todos respeitavam aqui. Ele entrou na roda, afastou meio mundo com suas roupas, seus trapos, traques e tralhas. Olhou feio, pegou e me tirou de lá, antes que a polícia viesse com perguntação. Passei a noite longe do meu lugar de todo dia. Pra dizer a verdade, nem sei aonde me levaram. Dormi com gosto de sangue na boca. O que aliviou a fome, não nego.

De manhã, voltei à luta. No espelho d'água da praça, vi o estrago na cara. De cima pra baixo. É como dói

mais. Vai me deixar fora da comuna por mais de uma semana. Aí compreendi a bronca do Que Fedor:

— Não se mete nessa, você é *de menor*. Teu vacilo pega mal pra gente.

A lei da rua é ensinada e aprendida na marra, no soco, no pontapé. Quem não quer apanhar ouve os jurássicos. Não precisa ser velho, basta ser experiente. Por isso não escuto muito minha fome. Ela nasceu comigo, tem minha idade, é otária. Sempre me mete em enrascada. Esse soco na cara foi mais uma que ela armou pra mim.

Na verdade, na *responso* mesmo, sou novo no pedaço. Estou na rua há apenas quatro... Cinco? Não sei direito, não conto os anos. A escolha é em parte minha, coisas da vida. Depois que a mana cismou de trazer o namorado pra morar com a gente, não deu mais pra dividir o barraco com minha mãe, meu pai e mais quatro irmãos. Ah, ainda tinha a vó, com aquela tosse que não deixava ninguém dormir.

Nasci num barraco cercado por outros quatro. Ter vindo ao mundo assim me deixou sem muito espaço. Antes de mim, alguém já tinha chorado naquela casa; meu choro foi só mais um. Alguém certamente já havia gargalhado ali. Eu vestia roupas que não serviam nos outros e, quando queria colo, tinha que entrar na fila. Até onde sei, nasci e vivi no esbarro.

Por isso não culpo minha irmã por ser mais velha, mais espaçosa e por se julgar no direito de chegar em casa cheia de não me toques, como se tivesse o rei na barriga. Reclamou, ameaçou e ganhou uma cama só

pra ela. Meu pai e minha mãe, cada vez mais tristes. A barriga dela crescendo. Eu olhava, tentava entender, não conseguia.

Tudo piorou no dia em que resolveram vender a tevê pra ajudar a pagar as contas de casa. Merda! Quando o dono do boteco veio pegar o aparelho, lembro que tava passando um filme bonito na *Sessão da Tarde*. Tava bem naquela cena da moça barriguda com a família feliz da vida, o marido (ou namorado, sei lá!) dando beijinhos na barrigona. Eu tava a ponto de chorar quando seu João Nestor entrou, puxou o fio, tirou o plugue da tomada, enfiou o controle remoto no bolso e saiu do barraco. Sobre a mesa vazia, o dinheiro amassado. A mãe e o pai não quiseram olhar pra gente. Choravam, eu vi. Minha irmã, no canto, socava a barriga com força. Muita força contra o que tinha lá dentro.

Esta é minha família.

Sem tevê, nossa vida, de ruim que era, ficou péssima. Quando a fome invadia a casa, a tevê ajudava a segurar o tranco. A gente já acordava com o barulho; a luz azul colorindo, enchendo o barraco. Cedinho, quando é a hora da moça da tevê preparar o café da manhã ou de ensinar a fazer comida gostosa, nossos olhos comiam a tela. Minha vó brincava dizendo que, se fechasse os olhos e desejasse com força, conseguiria até sentir o cheiro da comida. “Criança come com os olhos”, garantia. Bem que a gente tentava.

Depois da comilança, vinha a falação das brincadeiras, das alegrias, das tristezas, das festas, da

felicidade. Tudo saindo lá de dentro. Minha mãe falava que a tevê era uma janela. A vó dizia o mesmo, em forma de adivinha:

— Quem mistura alhos com bugalhos?

Nós todos:

— Os pirralhos!

— Quem espanta os espantalhos?

— Os pirralhos!

— O que vê tudo e nada vê?

— A tevê!

Sinto falta delas. Da tevê e da minha vó.

Pequena, fraquinha e sempre tossindo. Uma vez por mês, saía cedo de casa. Quando voltava, com minha mãe ou minha irmã, trazia sacolas de compras. Meu biscoito sempre estava lá, de chocolate ou de morango. E também a caixinha de leite, que deveria durar três dias, carne de frango e, de vez em quando, de boi (carne vermelha, que, chiando na panela, cheirava longe e que mamãe cozinhava tarde da noite, com a tampa bem fechada, pra vizinhança não invejar). Por essas e outras, logo entendi por que minha vó se chamava Felicidade. Felicidade Franca dos Prazeres. Ela gostava de falar o nome completo quando era apresentada a alguém.

Eu ainda a vejo deitada no colchão, perto do armário, sempre tossindo, mal se aguentando sobre os cambitos. Dava pena. Era ela quem trazia a alegria, ou melhor, a comida pra casa. Comida, amizade, alegria e felicidade são uma coisa só — isso eu aprendi rápido. Na época do Natal, então, a felicidade lá em casa

era total, incluía até a vizinhança. Tratavam minha vó com tanto zelo que ela até estranhava:

— Quando a esmola é muita, o santo desconfia.

Bobagem, no fundo gostava do carinho e do dengo.

Ela era nossa comida, nosso Papai Noel e o sorriso branco no rosto de minha mãe. Tudo era tão bom, tão quente, apesar da chuva que de vez em quando obrigava a gente a correr no meio da noite, sem saber bem de quem, do quê nem pra onde. Meu pai esquecia os filhos, sempre salvava primeiro minha vó e sua bolsa misteriosa.

Verdade. Isto também aprendi: se a felicidade existe, ela se esconde nas bolsas. Minha vó era prova do que estou dizendo; sua bolsa, de tão preciosa, servia até de travesseiro. E travesseiro, ela me ensinou, afofa o sono e faz sonhar gostoso. Devia saber muito bem do que estava falando. Deitada, abraçada à bolsa, muitas noites eu a vi sorrindo feliz. Por quê? Não adiantava perguntar. Ela mastigava a alegria com a boca de poucos dentes e, caso a gente insistisse, franzia a testa, trancava o rosto. Como porta de casa velha e abandonada.

Cresci sabendo que aquela bolsa cheia de papéis amarelados, amarrotados era mais importante que tudo naquela casa. Bolsa mágica. Nela, minha vó guardava a sete chaves o segredo do amor entre as pessoas da família e entre as do morro também. Pena que, depois que minha irmã deixou a barriga crescer e trouxe o namorado pra morar conosco, a casa ficou

pequena demais. Tão pequena que a gente passou a se esbarrar direto.

Pele só esbarra em pele se for do gosto dos dois, mas, lá em casa, não era assim. Quem ia daqui pra lá levava raiva, quem vinha de lá pra cá trazia ódio. Pra virar sangue era questão de dias. Sem tevê, nem a bolsa da vó daria jeito.

Uma noite, sem o que fazer, meu cunhado — sujeito alto, pouco falante e chegado a um perfume que queima o nariz e vira o estômago — me pediu pra pegar a bolsa da vó. Em troca, ele me daria doces. Quis ver antes o doce, ele mostrou. Era doce de leite, ali, fácil, ao alcance da mão.

— Fechado! — eu disse.

Por causa do calor, meus pais tomavam a fresca fora do barraco. Era sábado, tinha pagode. Os homens bebiam e assavam carne na brasa. Limpeza. Com aquele sorriso incompleto, minha vó, bolsa a tiracolo, andava de lá pra cá, de cá pra lá. Coitadinha, fazer o quê? O doce de leite era real; a bolsa, apenas um mistério. Entre isso e aquilo, aceitei o desafio de enrolar a velha pro meu cunhado.

— Sem porrada, falou?

— Chega junto?

— É pra já.

Foi fácil. Vovó me amava mais que aos outros netos. Ofereci meu abraço, ela aceitou. Mas o vacilo custou caro: meu cunhado deu o bote, pegou a bolsa e sumiu na noite. Pra nunca mais voltar.

Vovó não me culpou de nada. Nem podia. O abraço foi sincero, mas não o propósito. No mês seguinte, as sacolas de compra não chegaram com biscoitos, leite ou carne. Nada. Em vez de se amar, como faziam cada trinta dias, meus pais passaram a se bater. Minha vó, num canto, parecia mais murcha que antes. Não tinha disposição nem dinheiro pra tirar segunda via de documento nenhum. Como desgraça pouca é bobagem, agora, além da fraqueza, da perda e da dor, a ingratidão e o abandono tomaram conta dela. Foi chamada de velha esclerosada.

— O que é esclerosada? — eu quis saber. Levei um tapa na boca que dói até hoje.

Depois disso, lembro que minha vó andava pelos cantos chorando que nem criança. Xingava. Não falava coisa com coisa, só palavras soltas como “ladrão”, “cartão”, “pensão”, “instituto”. “Esclerosada” e “instituto”. Durante muito tempo essas duas palavras cismaram em minha cabeça.

Certa manhã, minha irmã desceu o morro e se enfiou num carro velho, que meu cunhado exibia como novo. Sumiram no mundo. Naquela noite choveu forte. Minha vó se deixou ficar no colchão molhado, sem tosse nem resmungo. No dia seguinte, a sirene da ambulância uivou lá embaixo. Curiosos se ajuntaram. Os de branco perguntaram, subiram, avaliaram e condenaram. Então levaram dona Felicidade Franca dos Prazeres.

Nunca mais a vi.

